

## JOÃO CARLOS SILVA



### ***“São Tomé e Príncipe é um país pequeno, mas com muitas manifestações culturais”***

*João Carlos Silva nasceu em Angolares, S. Tomé, em 1956. Estudou em S. Tomé, Angola e Portugal, onde frequentou a Faculdade de Direito de Coimbra. Exerceu jornalismo e é artista plástico. Fundou O CIAC e o Espaço Teia d’Arte (artes plásticas, teatro, dança, debates, oficina de letras, ateliers infantis, cineclube) em S. Tomé. Participou em várias exposições colectivas de artes plásticas em S. Tomé e no estrangeiro. Dirige o Projecto Integrado de Desenvolvimento da Roça S. João (agricultura, pecuária, educação não-formal, ambiente, património, cultura e turismo). É o coordenador da Bienal de Arte e Cultura de S. Tomé e Príncipe. Apresenta o programa de televisão ‘‘Na Roça com os Tachos’’ da RTP África.*

**P: Fale-me um pouco de si, quem é o João Carlos e como surge o seu interesse pela cultura São-tomense.**

**JC-** Eu nasci, culturalmente falando, primeiro cabo-verdiano. Nasci numa roça e o primeiro caldo que eu tomei foi o caldo de cachupa. Os primeiros bolinhos que comi foram de cuscuz com mel. Em Cabo Verde, com os meus colegas e amigos jogávamos à bola, caçávamos passarinhos.

Ouvi histórias de um grande homem, Agostinho Mendes, que nós chamávamos "Nené butin peçapado", que no crioulo de Cabo Verde significa "Nené que usava botinha, mas que não tinha uma perna". Essas histórias, ainda hoje se contam em Cabo Verde e nalgumas comunidades de descendentes cabo-verdianos em São Tomé e Príncipe. São histórias "txibim malopo" e ele fazia-nos esperar. Até fazíamos pequeníssimas contribuições entre nós, os miúdos. Arranjávamos cinco centavos, ou um escudo, para comprar cigarros para ele fumar. Depois de trinta segundos a fumar, ele dizia: "Estória, estória..." porque todas as histórias de Cabo Verde começavam assim. Contava-nos histórias interessantíssimas, como por exemplo, a história de "Nené butin peçapado".

Ao mesmo tempo, sobretudo aos fins-de-semana, tínhamos música e dança de Cabo Verde. Tínhamos da ku tornu em baptizados, aniversários e casamentos. Então, isso tudo moldou a minha cabeça e a minha vida nos primeiros anos. Só depois saí da Roça Dona Augusta com cinco anos para ir viver na Roça Gratidão, já próximo da cidade de São Tomé, onde fiz caminhadas longas para ir à escola, na Vila da Madalena. Depois o meu pai lembrou-se de abrir um restaurante em São Tomé, onde eu vivo hoje. Passando esses anos todos, esse restaurante começa a prestar serviços a um grande clube de futebol de São Tomé e Príncipe, que é o Sporting Clube de São Tomé. Na altura, o clube reunia, nos anos sessenta, uma parte da elite local nacional são-tomense. O convívio, que era feito no clube Sporting, era animado por um grande conjunto de jovens músicos que viriam a revelar-se grandes músicos. Anos mais tarde iam intervir na vida cultural são-tomense com grande peso. Esses momentos de convívio serviam igualmente para conversar sobre política. Eu viria a saber disso mais tarde, com os meus doze ou treze anos.

Na altura, eu já muito irrequieto, ajudava os meus pais no serviço de buffet, na parte da cozinha. Ajudava mais a descascar, a organizar e a carregar coisas do que propriamente a cozinhar. Evidentemente, por isso estou ligado a uma roça, à Roça São João dos Angolares, na região dos Angolares. Aqui, podemos falar dos angolares como um povo com uma cultura específica, uma língua muito própria, com tradições muito distintas do resto e que tem no panorama histórico e cultural de São Tomé e Príncipe um grande papel. Podemos falar, se quiséssemos, das conversas que eu tive durante muitos anos com o Fernando Macedo Ferreira da Costa, grande escritor lusosantomense de origem angolares. Ele funcionou durante muito tempo como meu guru espiritual, porque eu dizia que era necessário nos anos noventa. Em Lisboa era necessário reinventar, outra vez, o reino dos angolares, porque dizia-se: sem o reino os

angolares não tinham autonomia, não tinham capacidade crítica, não tinham capacidade de se envolver na construção da região dos angolares. Mas, isso tudo era para dizer como a minha vida é num primeiro momento. Por isso, dizia que nasci, culturalmente cabo-verdiano e depois aprendi a ser são-tomense.

**P: A Roça São João é um espaço que foi moldado para albergar várias actividades. Fale-nos disso.**

**JC:** A Roça São João é praticamente uma utopia, há vinte e tal anos. Quando regresso de Portugal, depois de quase 24-25 anos fora e depois de ter estado em Angola, de ter estado a viajar, começo a ver a roça não apenas como um espaço físico, com toda a sua arquitectura colonial e suas explorações agrícolas de produção de café e cacau, mas em termos de utilização futura. Tinha algumas discussões com o meu pai, ele não via a coisa assim. O café e o cacau eram tudo. Eu dizia, para além do cacau e do café, hoje, a tal resistência é vista aqui através do *modus faciendi*, do *modus operandi* de uma proposta para a reinvenção de uma roça. Levam-se os turistas, as pessoas que falam comigo, porque está tudo quebrado e tento explicar por que as roças estão assim. Mas, digo "a resposta também está naquilo que eu faço aqui". Então, qual é a ideia para o futuro, 15, 20, 30 anos?

É como transformar uma antiga roça colonial numa roça cultural, no sentido mais lato do termo cultura. Aqui está a cultura. Aqui está a resistência. Aqui estão os desafios. Aqui estão as provocações a título pessoal, mas ao mesmo tempo, colectivo. Daí dizer que a roça é, hoje, um projecto de desenvolvimento. A agricultura, sim. A pecuária, sim. Continuamos a ter um pouco de café. O café que nós tomamos e que damos aos turistas é da Roça São João. Então, fomos adaptando a roça para construir este novo tempo que é fazer da roça, uma roça ainda um pouco agrícola. Temos um problema crónico de mão-de-obra em São Tomé e Príncipe.

Eu falava há pouco, antes de começarmos a gravar, da data da construção deste edifício onde nos encontramos da CACAU - Casa das Artes Criação, Ambientes e Utopias. Eu estou sentado em um pouco de aço da linha dos carris que ainda estão aqui, simbolicamente guardados, por isso é que não tirámos tudo. Eu estou a olhar para si, mas estou a olhar para as figuras que estão ali, os bustos que estão naquela carruagem que tem tambores, gamelas, candeeiro de azeite, ou lampião. A carruagem transporta as nossas tradições que são manifestações culturais, não o que transportava no tempo colonial.

Voltando à roça, a ideia é: a agricultura, a pecuária, as acções patrimoniais, a reabilitação para refazer e reinventar, ou servir de base para a invenção da roça no seu todo, preocupações ambientais, reutilização de coisas, aqui sempre presente na economia circular. Ainda por cima transformando a própria roça num espaço de laboratório de criação artística e cultural permanente, com residências artísticas para vários artistas do mundo lusófono e não só, mas do mundo francófono e americano. Uma roça aberta ao mundo que traz o mundo até si e proporciona residências artísticas e culturais para fazer formações com jovens locais. Este é um ponto fundamental.

Podemos falar de um pequeno modelo de roça que pode ter réplicas noutros lugares ou não, mas ao mesmo tempo temos preocupações ambientais, conservação da natureza, temos viveiros de plantas, de árvores que estão a ser muito utilizadas. Dificilmente teremos nos próximos trinta ou quarenta anos novas árvores para podermos utilizar para outros fins como: marcenaria, carpintaria, construção de casas. Toda esta linha de pensamento associa-se à acção.

Ao mesmo tempo somos palco para filmagens de séries para televisões. As pessoas mesmo em São Tomé não se apercebem da vinda de alguns canais de televisão como o Discovery Channel, como o National Geographic, TV espanhola - TVE, TV5 - TV da França, dois canais suíços, TV Globo. Não se cingem apenas à Roça São João, mas querem saber o que está a acontecer naquele laboratório.

**P: Quais são as lembranças que tem das canções e músicas de resistência colonial, difundidas durante a sua infância, no período da resistência?**

**JC:** São Tomé, felizmente, não foi pelo caminho da guerra, não foi necessário... Mas teve outras guerras. A guerra da palavra, das intervenções através da música, da dança, do teatro com um grande senhor chamado Quintero Aguiar e que deixou sementes.

Na área da música devemos pensar no Gandu que é o hino de São Tomé e Príncipe de Olívio Tiny. Na ilha do Príncipe, também podemos falar de um grande artista que, hoje, vem jantar connosco na CACAU. Num dos palcos da CACAU há música e dança, todas as quintas feiras, como resistência, mas também como uma oficina de entretenimento para que os músicos e os dançarinos ganhem algum dinheiro. A CACAU ganha dinheiro com jantares, com mostra gastronómica, que faz todas as quintas-feiras. Temos que ser muito criativos e usar a música, a dança, o teatro, a gastronomia para a CACAU.

Eu me lembro de quando tinha doze, treze, catorze anos, o clube Benfica estava muito mais próximo de toda comunidade portuguesa, digamos assim, branca. Infelizmente o espaço do Benfica, hoje, não existe. Mas o Sporting continua lá. O espaço físico está lá e é desse espaço que eu guardo as memórias que têm a ver com músicas de intervenção, com o grupo "Os Úntués". Eu não cheguei a conhecer "Os Leoninos" que estiveram na base de grandes momentos de intervenção política, através da música. Então, São Tomé e Príncipe é um país pequeno, mas com muitas manifestações culturais.

A Dança Congo é a performance de música, teatro e dança mais usada nos Angolares, tida como manifestação cultural própria dos angolares. Devemos dizer que quase toda a orla marítima de São Tomé, toda a costa onde estão pescadores, a maior parte deles são de origem angolares e tem grupos de Dança Congo. Infelizmente, quer a Dança Congo, quer o Tchiloli, quer o Auto de Floripes no Príncipe enfrentam problemas muito complicados a nível da sua existência. Estamos todos preocupados com a falta de apoios a essas manifestações culturais que estão em risco de desaparecer. Nunca desaparecerão completamente, mas os grupos que eram,

anteriormente, de dez, doze, quinze pessoas, estão a chegar a três, quatro e cinco, estão a diminuir. Mas, enquanto houver são-tomenses a cultura não desaparece.

**P: Insistindo um pouco, pode caracterizar os diversos modos com que a resistência cultural assumiu ao nível das comunidades são-tomenses de base, tanto na época da ocupação, como na época da libertação colonial?**

**JC:** Temos que ter em conta o desenho do território e do modo de distribuição das tais comunidades. As comunidades pequenas dos forros, dos são-tomenses, viviam um bocado de costas viradas para as roças. As roças eram territórios autónomos, autárquicos, no verdadeiro sentido da palavra e viviam em função desse mundo que foram construindo ao longo desses anos. No meio da comunidade são-tomense, podemos dizer como eram habitadas as roças, quem trabalhava nas roças. Hoje, o que nós chamamos comunidades, na altura eram roças. Tais roças estão a transformar-se em comunidades que são pequenas vilas e que amanhã serão cidades. Então, há que distinguir o que os forros são-tomenses faziam. A maior parte vivia à volta da cidade de São Tomé e uma boa parte era prestadora de serviços ao sistema colonial e trabalhava na função pública.

Podemos ver no filme que está no Museu da CACAU, o Museu de História de São Tomé e Príncipe, pensado e desenhado pela Isaura Carvalho, minha companheira de sempre nessas andanças, sobretudo, da CACAU e da Roça São João, que por sua vez é acompanhada pela senhora Isabel Castro Henriques professora e especialista em História de África e de São Tomé e Príncipe. Escreveu um livro que eu aconselho vivamente a lerem que é: "São Tomé e Príncipe: A invenção de uma sociedade", isto é, uma sociedade que se foi inventando e ainda hoje é o processo que nós continuamos a fazer. Mas, tudo isso para dizer que havia uma distinção muito grande. Que comunidades? Onde? Como é que viviam? Do que se alimentavam? Qual era o espírito dessas comunidades? Diferentes completamente do grosso dos trabalhadores serviçais contratados de Moçambique, de Angola, mais tarde de Cabo Verde, sobretudo, a partir da grande seca e da fome de Cabo Verde em '49-50. Enquanto os cabo-verdianos se oferecem para vir trabalhar para São Tomé, uma boa parte dos angolanos e moçambicanos são levados dos seus sítios e vêm à força. Este era o desenho e o cenário. Agora, é evidente que sobretudo a partir dos anos sessenta uma parte da elite são-tomense começa a tomar consciência do que se vivia em São Tomé.

Mas antes ainda temos que falar de uma data histórica - 1953. Em 1953 houve uma pequena tragédia em São Tomé, com a revolta dos são-tomenses. O sistema através do grande Governador que, na época, foi um grande destruidor de muita coisa em São Tomé e Príncipe, tentou fazer com que os nacionalistas são-tomenses ficassem no seu lugar e não fizessem nada para falar do que estava a acontecer nessa altura. Segundo Alfredo Margarido, assistiam a um encontro muito interessante na Torre do Tombo com uns quinze anos ou mais. Ele dizia que a escravatura ou semiescavidão beijou o 25 de Abril. Veio até 25 de Abril de forma subversa com trabalho contratado, mas era trabalho semi-escravo.

Em 1908 o livro "Mão D'Obra em São Tomé e Príncipe" é escrito por Francisco Mantero, cujo neto o oferece a Miguel de Sousa Tavares influenciando-o a escrever "O Equador". Claro que quem lê "O Equador" e conhece a história de São Tomé e Príncipe, apercebe-se que aquilo é uma pincelada leve sobre o que aconteceu em São Tomé. Agora, 1953 vai marcar, digamos que, um momento de tomada de consciência, através de uma tragédia que tinha como figuras centrais a grande poetisa são-tomense, Alda Espírito Santo e o Doutor Palma Carlos. Eles defendiam um grupo de são-tomenses após essa grande tragédia. Estamos a falar de lugares que eu aconselho vivamente a visitar, o Fernão Dias, o memorial que é dedicado às vítimas de 1953. Estamos na presença de um monumento que marca quase toda a história são-tomense antes da independência.

Em 1955 a música começa a ser cada vez mais divulgada, de intervenção social e política. A partir de 1955 tivemos outros músicos, como é o caso do Kalú Mendes. Há muitos compositores que se servem da música de intervenção social para fazerem o seu trabalho, para fazerem a sua obra musical que chega até aos nossos dias.

**P: Que géneros musicais e danças foram mais exploradas e difundidas durante esse período?**

**JC:** Eu falava do Dança Congo que era nalgumas situações proibida. No caso da puíta, muito provavelmente terá vindo de Angola. É uma dança onde se põe muita energia física, o sistema dizia que as pessoas gastavam muita energia, quando precisavam dela para trabalhar. Mas depois tínhamos algumas músicas de salão, a ússua, socopé, particularmente em São Tomé e a deixa no Príncipe.

Eu trago, aqui, um livro muito interessante de um sociólogo, professor de Educação Física, que trabalhou em Timor, em Angola e muitos anos em São Tomé que é o Lúcio Amado - "Manifestações Culturais Santomenses". Este livro é um conjunto de apontamentos, comentários e reflexões do Lúcio Amado. Agora reformado, tem mais tempo para fazer essas reflexões todas que eu aconselho vivamente a levar para Moçambique.

Mas, ainda a nível da dança, estamos a trabalhar hoje muito nesta área das artes performativas com o programa das União Europeia "Procultura" e a CACAU e a Roça Mundo têm um projecto, em parceria com Cabo Verde. O projecto é um entreposto das artes e podemos falar, também, das artes performativas como o tchiloli, ou se quiser "A tragédia de Marquês de Mântua e do imperador Carloto Magno". Ainda hoje, na CACAU, vamos fazer uma pequena exposição de como estamos a reinventá-la. Nalguns casos, o novo artesanato de São Tomé e Príncipe, é baseado na história de teatro tchiloli. Estamos a fazer pequenos bonecos, inspirados nas personagens do tchiloli que são muitos. São cerca de trinta, em miniatura, para podermos vender, ser mais uma fonte de receita e ao mesmo tempo, ter artesanato com a identidade cultural são-tomense, com história própria. Estamos também a dar formação através de um pequeno programa de financiamento do "Procultura" que é o "Diversidade".

Estamos a formar jovens, filhos dos camaradas ou dos companheiros que fazem o tchiloli. Começámos com o bairro da Boa Morte, onde reside um grupo muito famoso com quem já trabalhamos durante muito tempo que é "O Formiguinha da Boa Morte". O objectivo é realizar uma formação para formadores nos seus territórios, porque há o tchiloli do "Formiguinha da Boa Morte", há o da "Cova barro", há o de "Caixão Grande", nomes muito engraçados. Infelizmente, outros desapareceram.

Esse tipo de resistência é uma resistência para não desaparecer, uma resistência que vai de encontro com a afirmação cultural das nossas manifestações. O tchiloli pode ser cruzado com outras manifestações culturais de Angola, Moçambique, ou da Guiné-Bissau. Este projecto "Resistência e Afirmação Cultural" com Moçambique, com o Scala, está a ser interessante, porque obriga-nos a visitar uma série de coisas e partilhar. A ideia é partilhar e fazer uma resistência conjunta, esse é o grande objectivo da nossa parceria. Todos juntos fazendo essa resistência, partilhando ideias, partilhando história e partilhando cultura. Todas as quintas-feiras, na CACAU, é um dia de música e danças tradicionais. Há coincidências, a menina Marieta está cá e vai comer pratos típicos de São Tomé. Dois músicos da actualidade, mas que cantam músicas de outro tempo, música da resistência, irão apresentar-se: o Haylton Dias e Dico Mendes, antecedido de uma excelente apresentação de dançarinos profissionais que há muitos anos residem nesta casa.

**P: Como é que se expressa a manifestação cultural tchiloli? Como teatro, música e dança?**

**JC:** O que está na base da peça? Qual é a razão de ser da peça? O tchiloli ou "A Tragédia do Marquês de Mântua e do Imperador Carloto Magno" é do ciclo carolíngio. O texto mais conhecido sobre a interpretação do tchiloli em São Tomé é um texto escrito por um escritor madeirense, Baltazar Dias. Ele dá nome ao teatro do Funchal, mas não há grandes certezas. Diz-se também que terá sido trazido por mestres de engenhos de cana-de-açúcar que vinham da Madeira implementar a primeira grande cultura de São Tomé, o açúcar ou a cana-de-açúcar.

Faço parte de um pequeno movimento que tem como objectivo fazer com que o tchiloli seja classificado como património nacional, numa parceria público-privada, para trabalharmos no sentido da sua candidatura a património imaterial mundial da UNESCO. Ganharíamos todos, os executantes, a população, os fazedores de muitas coisas. Alguns museus, hoje, deviam ser museus vivos, não só para guardar as peças. O tchiloli tem que continuar a ser um património vivo das pessoas, para as pessoas e com as pessoas. Estamos numa fase crucial para ver se as novas autoridades são-tomenses percebem o tchiloli como uma grande manifestação cultural e um património a defender, inclusive numa perspectiva de património imaterial mundial.

O tchiloli é uma representação que vai de encontro à ideia e ao exercício de justiça. O tchiloli mostra como é que Valdevinos é morto – temos um caixão pequenino para a sua representação. A base central da peça começa com uma morte. Valdevinos é amigo e colega do filho do imperador, o grande senhor. A peça sempre começa com uma caçada, onde os dois amigos participam e o Valdevinos é assassinado pelo seu

amigo, o filho do imperador Carlos Magno. Quem é que vai clamar justiça? Quem é que vai apresentar o caso ao senhor imperador para que se faça justiça em relação a esse caso? É o senhor que vai estar, aqui, conosco mais logo, o Sr. Amâncio de Carvalho, aposentado e reformado, também Marquês de Mântua, vai com a sua corte baixa – temos também a corte alta onde está o imperador, onde estão todos os servidores do imperador, ministro da justiça, a rainha que em termos cénicos estão num espaço mais elevado, para mostrar toda autoridade e a hierarquia que existe, toda essa diferença social e a corte baixa estão sentados num outro espaço – e são esses que se levantam e vão reclamar justiça. Então, a peça desenrola-se, a um ritmo interessante. Quando os grupos são convidados para ir às festas populares de quase todos os santos de São Tomé, Santana, Madre Deus, eles ficam durante quatro horas em cena a contar a história. Há pessoas que chegavam e diziam: “Essa parte eu não quero, eu quero a parte mais movimentada”

É um exercício interessante a do moço cata que é um personagem que foge a uma autoridade da peça que o tenta agarrar para ler a carta que ele leva. Nessa carta o príncipe Dom Carloto confessa que matou. O moço cata, ou o rapaz que leva a carta, ensaia uma série de peripécias e foge. A população vive a vida e na vida há situações que eles não querem ouvir a outra parte da história, mas querem ver o momento. Eu até brinco dizendo que a peça é longa. Inclusive há uma versão de uma hora e meia para quem não tem muita paciência, ou muito tempo para ver. Mas, temos quatro horas de teatro. Tudo é feito em terreiros. Tudo ao ar livre, entre bananeiras, quintais e por aí. Durante a transmissão da peça, a pessoa pode tirar um tempinho para ir namorar ou uma outra coisa qualquer.

Antigamente, as pessoas faziam tudo para que tivessem o tchiloli nas suas festas. Isto está a desaparecer, porque o país está com problemas graves, não só a nível de memória cultural, a nível da própria resistência cultural, das nossas coisas. Estamos a ir por um caminho diferente, não de apropriação, de preservação, de valorização, inclusive vamos dizendo aqui na CACAU e nos lugares onde vamos intervindo que seria interessantíssimo que nos apropriássemos dessas manifestações culturais para fazer uma criação contemporânea. Visitar as nossas raízes e tradições, valorizá-las, apropriá-las e não as deixar morrer. Uma das formas de não as deixar morrer é adaptá-las aos novos tempos. Preservar como o calulu, o nosso prato típico e a partir dele roubar alguns ingredientes para fazer coisas novas.

### **P: Como olha para a valorização das manifestações culturais no país?**

**JC:** De uma forma geral, eu penso que não está muito bem. Eu penso que faltam políticas culturais sectoriais para integrar esta parte das manifestações culturais são-tomenses, das nossas tradições. Não há um olhar sério para atender a tantas dificuldades que estes mesmos grupos têm. Não vejo com bons olhos a situação das nossas várias manifestações culturais, a não ser em situações muito pontuais, tais como: um investigador, ou um escritor, alguma pessoa de boa vontade que oferece algumas coisas, alguns instrumentos. Iniciativas construídas e pensadas a curto, médio e longo prazo, e com vontade política para as conduzir, decidir e concretizar

vão levar ainda um tempo. O caminho faz-se caminhando, mas o caminho continua cada vez mais estreito e deveríamos alargá-lo mais.

Eu penso, também, que quando há poucos recursos deveríamos ser mais criativos, usando a imaginação numa dimensão que não tem escala, para inteligentemente fazer parcerias público-privadas.

O vosso projecto de resistência tem uma dimensão interessantíssima, quer histórico ou cultural, com vários países africanos de língua portuguesa funcionando como um gatilho para provocar as nossas autoridades a terem uma maior atenção às nossas manifestações culturais. Resumindo, os dias que vêm não são lá muito interessantes em relação às nossas manifestações culturais.

**P: Quem foram as referências de resistência cultural nesse período e que contributos deram para o impulsionamento da resistência cultural?**

**JC:** Dão sempre em qualquer momento. Mais, menos... a diferença, às vezes, está no grau. Há sempre algum contributo, mas o problema depois é como medimos esses contributos. Como medimos? Começa a ficar difícil, porque nós somos de memória curta, mas ainda assim, essas memórias podem servir às novas gerações como ensinamento, deveriam estar permanentemente alimentadas e não o são.

**P: Há quem diga que o movimento de libertação de São Tomé que se propôs a libertar um país como um todo, apesar das inúmeras nuances culturais internas, constitui o primeiro acto nacional de cultura. Concorda e pode partilhar o seu ponto de vista sobre esse assunto?**

**JC:** Primeiro acto nacional de cultura... Se virmos a cultura no sentido mais lato do termo, até na forma como a gente pega numa arma para se defender, para se libertar. É evidente que o MLSTP não foi guerrilheiro no sentido da arma, de disparar, de entrar no mato, foi guerrilheiro de outra forma. Juntou homens e mulheres que lutavam por grandes ideais e que atravessaram todo esse tempo, toda uma época de utopiadores, uma grande geração da utopia. É evidente que se hoje formos fazer um balanço, podemos dizer que poderíamos ter feito diferente, mas era difícil fazer diferente em relação até como nos tornamos independentes e como fizemos os nossos primeiros cinquenta anos. Agora é o momento do resultado dos cinquenta anos da independência. Numa determinada interpretação ou num determinado pensamento, podemos dizer que cinquenta anos são uma casquinha de noz. Noutras situações podemos dizer que cinquenta anos é um tempo para nos afirmarmos e podermos dizer: "Ok, o sistema colonial fez, contribuiu para que a nossa situação fosse complicada. O sistema condiciona o nosso presente, o nosso futuro, mas nós temos que fazer mais e melhor para nós próprios." Temos que mostrar aos outros que somos capazes e essa legitimidade deve ser um acto de exercício de cidadania activa e participativa para mostrar que a independência valeu a pena.

**P: Como é que olha para o processo de passagem de testemunho sobre as artes performativas ligadas à resistência no país?**

**JC:** Eu penso que não há grande passagem de testemunho. Não estamos muito virados para aí. Os mais velhos que têm esse conhecimento estão a desaparecer. Os mais novos estão noutra onda, com as novas tecnologias. Isto não acontece só com São Tomé e Príncipe, o mundo mudou muito. Há novas tecnologias, há novos hábitos que se vão criando. Hoje temos que olhar para as coisas de uma forma inteligente e sermos muito flexíveis.

**P: Qual é a importância que o estudo da Resistência e Afirmação Cultural tem para a geração actual?**

**JC:** Tem todo interesse esse exercício que estamos a fazer juntos, com mais ou menos dificuldades, com mais ou menos problemas. Quando aceitamos fazer parte destas coisas sabemos que não vai ser só um mar de rosas. É a primeira vez que estamos juntos, olhos nos olhos e eu gosto muito disso. Por isso esta ausência ou dificuldade de viajar, a dificuldade de estarmos juntos condiciona-nos muito. Só online não chega, não se sente o calor, o afecto dos nossos parceiros. O interesse está todo aqui ou está todo lá. Será que os nossos jovens estarão interessados nesses estudos e irão abraçar, irão beber, desses estudos? Muito provavelmente alguns terão interesse. Inclusive começa a aparecer um grupinho de jovens estudiosos em várias matérias – literatura, música, dança, teatro. Então, eles vão ter a necessidade de ir aos nossos estudos para pesquisar, para ver, para sentir e inclusive falar com alguns de nós, se ainda estivermos vivos, para saber o que nos moveu a ir por este caminho e não por outro, um caminho às vezes tão difícil, tão complicado.

Nós somos de uma geração que gosta de coisas complicadas e aqui um abraço, mesmo na entrevista... não faz mal, ao nosso amigo Sol de Carvalho que não consegue ficar quieto e a toda a equipa de produção dos nossos parceiros de Moçambique que um dia gostaríamos de ver cá em São Tomé e Príncipe.

Mas o interesse irá ser medido daqui a um tempo. Vamos também, ao mesmo tempo dar o benefício da dúvida aos nossos mais novos, se eles vão agarrar, se eles vão querer, se eles vão pedir. Também depende da forma como vamos divulgar o estudo. Vocês estão a fazer um excelente trabalho com o website, com o livro, etc., e depois com a circulação de grupos que vão aqui, ali, acolá, todo este movimento que pode ser uma movimentação de resistência cultural. Pode ser que alguns encontrem proveito nesse trabalho interessantíssimo que estamos a desenvolver.

**P: Qual é o momento marcante que teve na sua vida, um momento bom ou mau que queira nos contar?**

**JC:** O que me marcou foi uma noite muito especial, no antigo restaurante do meu pai que se chamava Teia de Aranha, com um grupo de colegas. Anos mais tarde deu lugar a um espaço que se chamou "Teia d'arte", um espaço de exercício, formação de cidadania, de pintura, teatro, música, dança. Nós temos um grupo de jovens – já não são tão jovens assim, já estão casados, já têm os seus filhos – que passaram pela "Teia d'arte", até alguns ministros. Nós fazíamos de 15 em 15 dias um programa que se chamava "Falar de nós", em que participaram dois ministros, um deles passaria a ser

Primeiro-Ministro de São Tomé e Príncipe. Eram coordenadores juntamente com Isaura Carvalho que dá nome ao nosso concurso literário, na área da literatura dramática, que já vai na sua segunda edição. Reunimos todos para conversar.

No espaço Teia de Aranha, com os meus catorzes, quinze, dezasseis anos, com um grupo de amigos – quase todos estão fora e dois já faleceram – depois de uma brincadeira com alguma bebida saímos do espaço e fomos até à praça, hoje Praça da Independência. Fizemos algum barulho que aos olhos da polícia era um excesso. Então, fomos levados para a esquadra. Dormimos na esquadra. Estávamos a perturbar a ordem pública e no dia seguinte fomos julgados no Tribunal da cidade de São Tomé, o único na altura. Apanhámos todos uma pena suspensa de dois anos. Duas coisinhas que eu gosto de brincar: podíamos ser considerados, inclusive, algum tempo depois, grandes nacionalistas. Estávamos a intervir junto à polícia da época ou a interferir, ou a provocar a polícia, porque estávamos com algumas ideias nacionalistas.

Muitos casos destes terão acontecido nas nossas lutas para a independência dos nossos respectivos países. Eu me lembro disto com alguma piada, porque muita gente que fez outro tipo de coisas viria a ser grandes nacionalistas e com honras de grandes lutadores, de grandes pensadores nacionais. Por outro lado, faz-me lembrar outra coisa que é: Como é que a nossa cidade de São Tomé, já não tem segurança quase nenhuma a nível das ruas. Um indivíduo pode ser abatido, pode ser molestado, uma pessoa pode ser violada em plena cidade, particularmente no sítio onde vivo ainda hoje, que é muito próximo da Praça da Independência. Como é que nós quase 50 anos depois deixamos a nossa cidade, para não dizer o nosso país, ficar no estado em que está? Ruas esburacadas, falta de segurança, cães nas ruas, etc. Então, esta coisa de memória antiga e memória actual que briga no nosso pensamento e que deve brigar com a nossa acção. Onde é que entra a nossa participação? Nesta coisa fundamental de cidadania activa e participativa devemos estar presentes, actuantes. Devemos estar activos para pensar que as nossas independências não pertencem apenas aos políticos e que eles não são os donos disto tudo. Nós todos é que somos donos desta coisa toda. Donos das nossas resistências, das nossas afirmações culturais, da transformação, ou aproveitamento dessas manifestações culturais que nós dizemos defender, para transformar a criação contemporânea hoje.

Ano de 2023  
Entrevistadores: Marieta Manjate  
Edição: Paula Ferreira

